

Capítulo I – O Helicóptero

Na primeira década do segundo milénio, fizeram-se as primeiras descobertas para a permanência de vida no espaço, através de naves, de modificadores de atmosferas e geradores de gravidade. Porém, no ano de 2019, Yabdul Hassin aproveitou a crise mundial instalada, para subir ao poder e mergulhar a Terra inteira em trevas, escravidão e pobreza. Foi, logo no início, que a oposição a este líder tirano se formou. Com pouca vantagem numérica, tiveram que limitar-se a frustrar as tentativas da tomada de posse do espaço. Começaram, por raptar os cientistas e engenheiros, encarregues tanto das investigações, como da prática, deram-lhes duas opções: ou passavam para o lado da oposição e seriam enviados para a Lua, onde tinham experimentado, com sucesso, a modificação da atmosfera e a geração de gravidade, ou seriam mortos, ali mesmo. Cientistas são, na maioria dos casos, gente inteligente e egocêntrica, que querem, apenas, ver o seu sucesso, por isso, aceitaram, quase todos, a oferta dos rebeldes.

Destruíram toda a pesquisa destes cientistas, para que nenhum outro se pudesse ocupar daquilo que eles deixaram por finalizar.

Foram buscar e fizeram também a mesma proposta a professores, por todo o mundo e nenhum se recusou, já tinham visto demais, muitos até tinham perdido os filhos para a causa de Yabdul Hassin.

Na Terra, apenas permaneceu uma equipa de três cientistas e de três engenheiros, Dr.^a Yavnov Rustnik, cientista da NASA, Dr. Peter Quietsoft, cientista perito em ambientes espaciais da ESA, Dr. Francis LeChapelauxx, cientista perito em fluidos computacionais e telecomunicações da NASA, Kurt Slienvski, engenheiro mecânico e eletromecânico da ESA, Samoneri Tortelini, engenheiro elétrico da NASA e Mira Addams engenheira aeroespacial da ESA. Permaneceram na Terra com um acordo, que englobava, entre outras coisas, que uma pessoa que lhes fosse próxima, fosse treinada para os proteger, até ao fim.

Lora era a guardiã de Mira, sua irmã, os seus pais tinham sido as primeiras vítimas das Forças de Ataque de Hassin, em solo Português, estavam na conservatória, a tentar chegar a um acordo, por causa do divórcio, um pequeno problema que surgiu após dezasseis anos de separação. A sua madrasta e padrasto também lá estavam, deixando órfãos sete irmãos, num total, só a Lora e a Lyana é que eram menores tendo respetivamente nove e quinze anos.

Antes da recolha de crianças para a Escola, Mira foi capaz de resgatar a sua irmã Lora, da qual era mais próxima. Tornaram-se companheiras de luta, uma protegia as costas da outra e geralmente, uma salvava a outra...

-Mira! Mira! Espera! – Pediu Lora, no meio de árvores de folha perene, tentando acompanhar o passo apressado da irmã, que parou, para procurar algum sinal de perseguição ou de perigo, no meio da floresta.

-O que é Lora? – Respondeu, por fim, olhando-a rapidamente, sempre atenta a novos sons, que pudessem ecoar pela floresta, um restolhar de folhas, o estalar de um ramo seco, seria o sinal, para fugirem ou esconderem-se, seria sinal de que alguém estava atrás delas.

-Recebemos uma mensagem, diz que têm uma nave preparada para partir, mas precisam que revejas os códigos de Programação e Inteligência Artificial, bem como, os cálculos de trajetória. – Disse Lora com um sorriso nos lábios e mostrando um aparelho, parecido com um telemóvel *touchscreen*, mas um pouco mais largo e comprido, que projetava hologramas.

-Sabemos se a mensagem é autêntica? - Perguntou-lhe, Mira olhando-a desconfiada, por pouco tempo.

Quem visse Mira e Lora juntas, nunca diria que eram irmãs, demasiado diferentes uma da outra, no entanto, demasiado ligadas, para alguma vez se separarem. Mira centímetros mais alta que Lora, mesmo sem saltos altos, um cabelo longo e encaracolado, cor de cobre a virar para o dourado, uma expressão séria, com uns lábios grossos que raramente sorriam de verdade, uns olhos castanhos, cor de avelã inteligentes e cautelosos, sobretudo pensativos, os olhos, eram realmente o espelho da sua alma, Mira podia mentir tão bem que fazia um cego acreditar que estava um lindo dia de sol, mesmo que este sentisse as gotas da chuva, contudo, quem a conhecesse, saberia, por vezes, quando estava a mentir, pelos seus olhos. Lora era em tudo diferente, pele clara, como leite e cabelo escuro, como o carvão, liso, com madeixas claras naturais, uns lábios finos, geralmente pintados de cor-de-rosa claro, com um sorriso sincero e fácil, olhos castanhos-escuros, traquinas e rebeldes, uma expressão brincalhona e de piadas fáceis, o que mais a caracterizava era o facto de estar sempre a arrelhar a sua irmã, por vezes, até mesmo com assuntos sérios, Lora brincava.

-Sim, completamente, não há maneira de eles saberem os nossos códigos, além disso, o Kurt mandou-te os seus cumprimentos apaixonados. – Lora começou a provocar a irmã, aludindo a um parceiro de equipa da irmã, que tinha uma antiga paixão por ela, sem que esta fosse correspondida.

Mira parou, abruptamente, de inspecionar o terreno em frente, para olhar, ferozmente, para Lora, estavam numa missão, não era tempo para brincadeiras e piadas, não estava na sua mente, gostar de Kurt, apesar de saber aquilo que ele sentia por ela, simplesmente, não gostava dele e não podia fazer nada, preferia, que ele não se sentisse como se sentia mas, por vezes, gostava da atenção que ele lhe dava, num mundo em que ela, praticamente, tinha-se tornado homem, Kurt, fazia-a sentir-se mulher, umas rosas no quarto, um bilhete com uma declamação, mas já o tinha avisado, para que não tivesse esperanças, mesmo assim, ele sentia que a havia de mudar:

-Lora! Para de brincar, temos coisas mais sérias a fazer, do que brincar aos namoricos! –

Repreendeu-a em voz alta, mas com os outros sentidos tentando perceber se haveria algum sinal de perigo, atrás de si ou à sua frente.

-Eu sei, Mira, estava só a tentar desanuviar o ambiente... – Lora estava realmente arrependida, nunca quisera causar nenhum dissabor à irmã. Ela, simplesmente, era assim, gostava demasiado da irmã e de a provocar, para saber quando é que não o devia de fazer e, também,

sabia dos pequenos presentes que a irmã tentava, por tudo, que ela não tivesse conhecimento.

-Se, em breve, eles vão partir, então, temos que resgatar a Lyana e a Lara primeiro, elas devem de ir para a Colônia Lunar na próxima nave! – Informou-a Mira, voltando a sua atenção para o caminho que seguiam.

-Mas, tu não sabes onde elas estão! – Argumentou Lora, tentando chamar a irmã à razão e alcançar o seu passo.

-Sei onde está a Lara e daí encontraremos a Lyana, confia em mim, Lora, pode ser?

-Eu confio, mas não seria melhor...

-Lora, elas continuam a ser família, faria o mesmo por ti. Ou por qualquer um dos outros, por isso, a Lyana e a Lara não vão ter nenhum tratamento diferente daquele que tu, ou o Ben, ou a Cara ou o Fred teriam. É tão simples, quanto isso! – Contrapôs Mira, sabendo que argumentos a irmã iria usar para a dissuadir, sem que estes, pudessem ter qualquer efeito na sua decisão.

-Mas estamos a milhas de distância delas! – Atalhou Lora, com um argumento forte, que pensava, poder demover a irmã.

-É, por isso, que quis vir aqui, é o único heliporto num raio de milhas e o Tenente Mark é, um grande e antigo, amigo meu. Envia uma mensagem, ao Francis a dizer que, dentro de mais ou menos uma semana, estamos lá.

-Ui!!! Isso cheira-me a namorico... – Arreliou Lora, mexendo no aparelho que tinha nas mãos.

-Tu sabes bem que não, foi o tenente Mark, quem me ensinou a pilotar helicópteros, sabia, quase tudo, sobre a sua mecânica, mas nada sobre voar, ele ajudou-me bastante no trabalho e foi o único heliporto que as Forças de Ataque não encontraram, por isso, pertence aos rebeldes. – Informou-a, com o olhar preso no passado, por um curto espaço de tempo, enquanto revivia alguns dos momentos que passara para conseguir aprender a pilotar helicópteros.

-Isso complica muito mais as coisas, era muito mais fixe, quando eu pensava que era um antigo namorico. – Lora fez beicinho para a irmã, enquanto voltava a guardar o aparelho de comunicações dentro do bolso das calças de ganga, avançando, sempre na retaguarda de Mira.

-É ali Lora! - Apontou para um enorme barracão, um pré-fabricado, cinzento, pois o amarelo, que antes estava pintado, era agora cinzento, pelo desgaste das chuvas e do vento e sem ninguém, paciente o suficiente, para lhe dar uma demão.

-Isto é um heliporto? – Perguntou Lora com desdém, pensou que fosse algo maior, com um espaço amplo, quadrado e liso para que os helicópteros pudessem pousar em segurança.

-Como achas que, ele o manteve escondido das forças de ataque? - Perguntou revirando os olhos e avançando, passo a passo, agora mais devagar, tentando não fazer barulho algum - Eu vou à frente, desta vez, és tu quem tem a minha retaguarda.

-Certo!

Lora retirou do colete, uma arma de raios elétricos e uma *Glock*, Mira retirou do seu cinto apenas a arma de raios elétricos e destravou-a:

-Pensava que eram velhos amigos! – Inquiriu olhando-a.

-Bem... Digamos, que nós não nos separámos nas melhores condições. –Um sorriso travesso apareceu-lhe no rosto, lembrando-se do que lhe fizera e que o deixara tão zangado.

-Mau. Diz-me em que é que eu vou enfiar a minha pele!

-Eu vou na frente, certo? Só tens que me cobrir a retaguarda, entendido?

-Yes sis. – Respondeu Lora em Inglês, a segunda língua das duas.

-Vamos lá.

Mira avançou, um pouco agachada, em posição de ataque, até chegar à parede sul do barracão, encostou-se a ela, para não poder ser surpreendida por aquele lado, apontou a arma de raios à frente e chamou a irmã por sinais, quando ela se juntou, vigiando a retaguarda de Mira, as duas costas com costas. Foi quando Mira chegou à esquina, que Lora se assustou, ouviu um grunhido da irmã, quando a arma lhe foi arremessada das mãos por um pontapé bem colocado, quando se virou para Mira, ela já não estava de costas coladas às suas, mas sim engalfinhada com um homem, como duas crianças de primária, numa luta que parecia bastante equilibrada. Lora colocou o revólver no coldre e colocou essa mão livre na boca para assobiar. Os dois adultos, que lutavam, pareciam não a ouvir, voltou a assobiar, mais uma vez, não obteve alteração nenhuma no comportamento dos dois. Pensou um pouco, aclarou a voz e gritou, para os dois:

-As Forças de Ataque vêm aí!

Os dois pararam de lutar, estavam com os colarinhos um do outro nas mãos e olharam para todas as direções e depois para Lora, ainda agarrados um ao outro:

-Bem, agora que já pararam, podemos conversar, que tal convidar-nos a entrar e, talvez, a minha irmã lhe peça desculpa, pelo que quer que ela tenha feito e depois falaremos sobre o que nos trouxe aqui, pode ser?

O homem que parecia pelo menos ter mais vinte anos que Mira largou-a e esta imitou-o, ajeitando a sua roupa e sacudindo o pó, Lora notou no corte que ela tinha no lábio e no olho semifechado que ele tinha, sorriu para si, a sua irmã sempre fora boa lutadora, mesmo quando era só a brincar e ela não tinha nem um pedacinho do conhecimento que tinha hoje em dia:

-Entrem mesmo, antes que apareça algum espião ou patrulheiro das Forças. - Resmungou o homem, olhando de um lado para o outro, desconfiado e resmungando para si mesmo, chamando nomes às irmãs, como se elas não estivessem presentes, Mira e Lora seguiram-no, a irmã mais velha encolheu os ombros e rodou um dedo na zona da têmpora, para indicar que faltava um parafuso a Mark, Lora riu-se, baixinho.

Entraram na segunda porta do barracão, para uma sala bastante confortável, com sofás castanhos, virados uns para os outros, com uma mesa de madeira, de café ao meio, uma cozinha e um mini bar eram visíveis da sala, ornamentados com alguns armários, umas fotografias de família e bastantes bebidas. Mira e Lora sentaram-se num sofá e o tenente Mark foi buscar um pano, que molhou debaixo da torneira da cozinha e atirou a Mira que o agarrou ainda em pleno, voou para limpar a ferida da boca tirou do congelador conjunto a um frigorífico de cor metalizada, com portas duplas, um saco de gelo para pôr sobre o seu olho:

-O que querem? - Perguntou Mark sentando-se no sofá em frente delas, com o saco do gelo colocado sobre a cara.

Antes que a irmã pudesse sequer abrir a boca, para expor o seu problema, Lora chegou-se à frente, curiosa e pediu, respondendo à pergunta de Mark, para o que apenas, ela queria saber:

-Antes de mais nada, eu gostava de saber o que se passou, entre vocês os dois!

-Muito bem, como te chamas, mesmo? – Perguntou Mark, que apesar de ser ótimo a captar nomes, tinha a certeza, que não tinha ouvido o dela.

-Lora.

-Muito bem, Lora, o que acontece é que, há dois anos, a tua irmã veio aqui e desabilitou todos os meus helicópteros, de maneira, a que eu não os pude colocar no ar, novamente, quando começamos a ser atacados pelas Forças. – Mira pôde ver a sua indignação e a sua frustração quanto a este assunto, ele tinha estado ansioso por lhe colocar as mãos em cima, já há bastante tempo, mas Lora conseguiu ver mais qualquer coisa, um sentimento profundo por Mira, só ainda, não o conseguira identificar.

-Eu tinha que o fazer Mark, tu sabes disso, não nos podíamos arriscar que este porto fosse descoberto, é o único que os rebeldes podem usar, tu sabes o que aconteceria, se os tivesses posto no ar, naquela altura. – Disse Mira, olhando para o pano que tinha nas mãos, Lora pôde identificar remorso na sua voz.

-E o que achas, que vai acontecer, quando puseres um dos meus helicópteros no ar? – Perguntou quase aos berros com Mira, como um pai que ralha, com um filho por alguma tolice ou coisa perigosa que este quisesse fazer. Foi aí que Lora se apercebeu, que muito provavelmente, Mark, teria tido uma filha, que tinha morrido e quando Mira esteve com ele, afeiçoou-se a ela, como se ela fosse uma filha.

Lora ficou de queixo caído e, mais uma vez, antes que Mira pudesse responder ele esclareceu-a:

-Como notaste, eu e a tua irmã não nos separámos nas melhores condições, por que razão ela voltaria aqui, se não precisasse de outro helicóptero.

-Outro? – Lora sentiu que Mira não lhe tinha contado tudo, o que ela precisava saber, sentia que estava a fazer figura de idiota, desta vez, sim, foi Mira quem lhe respondeu e mereceu um olhar nos olhos.

-Eu estava na Alemanha, quando estouraram, na Europa, as primeiras bombas das Forças, como é que achavas que tinha chegado a ti, tão depressa?

-Eu pensei... Bem, eu não sei em que pensei. – Admitiu derrotada, agora tudo fazia sentido, os selos que não conhecia nos postais, o carro roubado, a ida até à Rússia.

-Para que queres outro helicóptero, Mira?

-Estão a juntar uma nova tripulação e mantimentos para uma ida à Lua e às colónias, a nave está preparada, estão apenas à minha espera, para rever os códigos de programação e Inteligência Artificial e os cálculos de trajetórias...

-Então precisas do helicóptero para ires até à base? – Perguntou-lhe, sem a deixar acabar o raciocínio.

Mira mordeu o lábio inferior e juntou as mãos, antes de olhar para ele e lhe responder:

-Não, propriamente. Preciso de ir aos Açores, mais concretamente, à Terceira.

-Achas, que conseguirias ir e vir, com um helicóptero? Se fosse um avião, mas é de um helicóptero, que estamos a falar! – Começou ele a argumentar.

-Eu sei, Mark, mas é a minha única alternativa...

-Para quê, Mira?

-Para uma missão de resgate.

-Espera um momento, a Ilha Terceira é onde todos os menores de idade são mantidos até terminarem a escola, o que lá vais fazer?

Mais uma vez, Mira mordeu o lábio inferior, antevendo a reação de Mark:

-Resgatar as minhas irmãs, Lyana e Lara.

-Vais sacrificar-te, para resgatar duas fedelhas? - Perguntou ele com desdém, sabia dos conhecimentos dela e do seu cérebro, mais de uma vez, tinha falado com os cientistas e, até mesmo, com os rebeldes e eles disseram que ela era uma mais-valia, para a base.

Lora conhecia bem demais a irmã, sabia que ela não iria deixar impune uma ofensa destas, mas, realmente, nunca soube de onde aparecera a faca que foi atirada da mão de Mira, indo parar cravada no sofá, centímetros abaixo da junção das duas pernas das calças de Mark.

Ele olhou para ela de boca aberta, ela não o encarou, levantou-se e foi ao armário das bebidas, tirou dois copos e serviu-os de whisky, entregou um a Mark e deu um grande golo no seu, antes de se explicar, com uma expressão quase mortal, daquelas que Lora odiava que lhe fossem dirigidas:

-Família é tudo, Mark, talvez não saibas, talvez não tenhas, mas digo-te, uma única vez, a amizade pode ser desfeita, pode acontecer um mal-entendido e não reatarmos a convivência,

mas com a família, não importa o que façamos, seremos sempre família e eu e as minhas irmãs temos uma ligação especial. Pela família, não há nada que eu não faça, entendeste?

O tenente Mark começou a rir-se, para espanto da Lora, retirou a faca e entregou-a a Mira, que a aceitou com um pequeno sorriso nos lábios, depois agarrou no whisky e bebeu-o de um trago:

-Bem, não posso dizer, que não tenhas garra, miúda. Muito bem, podes levar o helicóptero que quiseres, se o conseguires arranjar.

-Oh, Mark, já me devias de conhecer um pouco melhor, eu sei arranjar qualquer aparelho que voe e se fui eu que o estraguei, então melhor o sei arranjar.

-Está certo. Eu levo-vos ao armazém.

Mira bebeu o resto da bebida e colocou o copo em cima da mesa, levantou-se com Lora atrás e seguiu Mark pela porta da sala, onde estavam seis helicópteros cada um mais recente que o outro:

-Hei, Mark, onde foste arranjar aquele Mt-932?

-Oh! Um gajo qualquer, dos rebeldes, deixou-o aí uma vez, roubou-o às Forças, mas como tu, também o avariou.

-Tens algum fato-macaco que eu possa usar?

-Sim, no armário das ferramentas.

Mira saiu da vista de Lora e, quando voltou, trazia um fato-macaco castanho vestido, o cabelo apanhado e uma caixa de ferramentas:

-Quero falar contigo, Lora. Deixemos a tua irmã trabalhar sossegada, vem comigo.

Lora seguiu o tenente Mark de volta à sala confortável, sentou-se no sofá, de frente para ela:

-O que é? – Perguntou, desconfiada, mas curiosa acerca do assunto, sobre o qual Mark queria falar com ela.

-Bem, eu percebi que a tua irmã não tem sido completamente honesta contigo...

-Porque dizes isso? – Perguntou-lhe sem o deixar acabar a frase.

-Porque não sabias como ela te tinha ido buscar, ou o que ela tinha feito neste estaleiro. Diz-me, Lora, que fazias tu, antes de a guerra rebentar na Europa?

-Estudava.

-O quê?

-Advocacia.

-Querias ser advogada? – Lora encolheu os ombros antes de responder.

-Mais ou menos. Queria ser policia, investigadora, portanto, segui advocacia.

-Porque é que nunca usaste os teus instintos, no que toca à tua irmã? – Perguntou ele, com um tom entristecido.

-O que é quer dizer com isso? – Lora estava totalmente desorientada, sem saber do que é que ele estava a falar.

-Gostarias de perder a tua irmã? – Perguntou-lhe frontalmente.

-Não! Nunca, é para evitar isso, que estou com ela, para impedir que ela se meta em sarilhos, ou para a ajudar a sair deles, se algo acontecer.

-Sabes, que a tua irmã tem no braço esquerdo um comprimido venenoso?

-Para quê? – Lora estava, completamente, atordoada, não sabia de nada, nem nunca soubera.

-É uma dose individual, faz parte do seu acordo com os rebeldes, se ela for apanhada, deve de tomar o veneno, matá-la-á em menos de vinte e quatro horas, a não ser que lhe seja dado o antídoto.

-Mas, eu não sabia nada disso, ela não me contou, não pode ser verdade! – Lora olhava para o chão, de uma maneira refletiva e assustada.

-Eu apercebi-me disso. A, manha dos rebeldes está, é que cada cientista tem um veneno diferente, se eles tiverem apanhado um, que se matou com o veneno e eles venham a saber qual foi o veneno, através da autópsia, o antídoto para esse veneno, nunca irá resultar noutro cientista. Entendeste?

-Sim, acho que sim.

-Eles têm uma margem de quarenta e oito horas, antes de tomarem o veneno, depois é para os esquecer.

-Qual é o seu propósito? – Perguntou ela, virando o assunto

-Como, Lora? – Perguntou Mark, sem perceber, do que Lora queria dizer, com aquilo.

-Porque é que me está a contar tudo isto? – Reformulou a pergunta, com lágrimas nos olhos.

-Para te avisar, para não deixares a tua mana cair nas mãos do inimigo. E para te oferecer uma coisa. A Mira estava aqui no início, já depois de te ter resgatado, ela veio ter comigo e contou-me, o que os rebeldes queriam dela, contou-me, que tinha aceitado a proposta deles e qual era o veneno que eles lhe tinham dado. Durante o ano seguinte, nunca a vi, nem nos dois ou três anos seguintes, falei com os meus contactos e, por uma módica quantia, consegui o antídoto, para o veneno que lhe tinham dado, mas não lho podia entregar e não sabia se podia confiar no parceiro de viagem dela, até que vocês chegaram. Eu percebi, que a filosofia da tua irmã em relação à família, também se aplica a ti. Estou correto?

Lora assinalou afirmativamente, com a cabeça, ele deu um gole na bebida, com que tinha voltado a encher o copo, levantou-se para ir a um armário, tirou lá de dentro um frasco pequeno de vidro com uma tampa de metal e entregou-lho na mão:

-Vê se o escondes bem, se fores apanhada, eles não podem suspeitar, que isto é o antídoto para a tua irmã, entendeste?

Lora assinalou, mais uma vez, com a cabeça. A porta abriu-se e Lora apressou-se, a esconder o frasco. Mira tinha acabado de entrar, trazia o cabelo apanhado e uma mancha de óleo no pescoço:

-Este gajo era esperto, mas não mais que eu. Tens uma toalha, onde eu me possa limpar? O helicóptero está arranjado. – Informou dirigindo-se à outra porta da sala.

-Sim, Mira, na casa de banho, serve-te à vontade.

-Obrigado. – Agradeceu Mira continuando o seu caminho.

Lora chegou-se mais à frente e sussurrou-lhe:

-Não respondeu à minha pergunta, porque me está a contar tudo isto?

-Porque, eu gosto da Mira, como se ela fosse a minha própria filha, não a quero ver morta pelas Forças de Ataque! – Respondeu-lhe num sussurro, também.

-Obrigado, Mark. Fico-lhe a dever uma.

-Nunca, minha querida.

-Podemos ir. – Apareceu Mira, com o macaco na mão, de novo só com as calças de ganga justas e a blusa bege com o colete castanho, como uma *cowgirl*, só lhe faltava o chapéu, até as botas e as armas lhe davam esse ar.

-Obrigada, Mark, por tudo. – Agradeceu Lora.

-Sim, obrigada Mark. – Sorriu-lhe Mira, num dos seus raros sorrisos sinceros, agarrou-lhe o pescoço e deu-lhe um abraço, seguido de beijo na cara.

-Não têm nada que agradecer. Lora, toma bem conta da tua irmã.

-Ela é que tem que ter alguém que olhe por ela. – Respondeu Mira, com um pequeno sorriso atrevido, para a irmã.

-Vamos lá, então. – Respondeu Lora.

Mira entrou do lado esquerdo do helicóptero, colocou o capacete e ajustou o microfone, para poder falar com Lora, colocou o motor a trabalhar e esperou que Mark abrisse o telhado, para elas poderem passar, ouviu-o no rádio de bordo dizendo-lhe que podia descolar, Mira agradeceu e colocou o helicóptero no ar.

Lora só se sentiu à vontade para falar, no que a perturbava, quando já estavam longe do Heliporto de Mark:

-Mira, o tenente Mark contou-me tudo, é verdade? – Revelou-lhe, sem desviar a atenção da vista, que via do helicóptero, nunca se sentira confortável em alturas.

Mira não olhou para ela, mantendo a mão direita nos controlos de voo, enquanto a esquerda se movia, entre outros comandos. Lora pôde ouvir uma gargalhada através do rádio:

-O quê, a história de eu ter desabilitado todos os seus, preciosos, helicópteros, Lora, já te expliquei, porque, é que o fiz!

-Então, porque, não me explicas, que tipo de acordo é que tens com os rebeldes?

O silêncio nos seus fones de bordo foi, quase, demais, demorou, demasiado, tempo, até que Lora ouviu um suspiro zangado, da parte de Mira:

-O que é que o tenente Mark te contou, Lora?

-Ora, ele contou-me tudo! Contou-me, porque te foi permitido ficares e andares à vontade, contou-me, que transportas um comprimido de veneno e que nem o antídoto carregas contigo...

-A ideia é essa, Lora, se eu tomasse o veneno e depois eles descobrissem que tinha o antídoto, davam-mo e o veneno não tinha qualquer sentido.

-Ok, está certo! – Disse Lora, se a irmã não abrisse o jogo com ela, também não sabia, porque lhe havia de contar, o que Mark lhe havia dado, pensou que agora, seria uma boa oportunidade, para mudar de assunto. – Quando lá chegarmos, o que é que vamos fazer?

-Bom, segundo, as nossas últimas informações, eles estão com falta de uma professora de ginástica, já tenho o teu *curriculum* preparado, eu vou ser a tua assistente e a tua piloto. Enquanto estiveres a dar aulas, eu vou procurar, onde é que estão a Lyana e a Lara...

-Vais andar a vaguear sozinha? – Perguntou Lora interrompendo subitamente Mira.

-Eu sou uma menina crescidinha, mãe! Eu sei cuidar de mim. – Gozou Mira com a preocupação de Lora. – Dá uma olhada no teu *curriculum*, estuda-o o melhor que puderes, antes de lá chegarmos. Está na minha mala.

Lora agarrou na mala da irmã e retirou uma pasta do seu interior, abriu-a e leu-a, de olhos muito arregalados:

-Vejam, aqui diz que me chamo Amanda Rockness, fui campeã internacional de *karaté*, que pratico box, esgrima e ténis. Que já pratiquei basquete, futebol e andebol. Além de ter ganho uma prova de obstáculos em equitação. Eu sou alguma supermulher ou quê? Eles vão desconfiar!

-Acredita em mim, eles não vão desconfiar de nada! – Garantiu Mira olhando em frente, para o céu e para a paisagem, mas também, sem tirar os olhos dos mostradores do helicóptero, especialmente, aquele que a deixava bastante preocupada, que era o do combustível.

-Mana, olha que quando a esmola é grande, o pobre desconfia. – Aconselhou Lora, não querendo fazer-se passar por esta professora.

-Aí está, não estamos a lidar com pobres. Eles só aceitam os melhores dos melhores, eu tive que exagerar um pouco, caso contrário, nunca serias aceite. – Explicou Mira muito sucintamente.

A viagem foi passada entre argumentações, mas quando se aproximavam, Mira pediu-lhe silêncio e contactou a torre:

-Daqui Mt-932, peço permissão para aterrar.

Tanto Mira como Lora puderam ouvir, nos seus fones de bordo, a resposta da torre, vinda de um homem, com um péssimo humor e uma voz grossa:

-Mt-932, daqui torre, reporte o assunto, que cá a traz!

-Torre, penso que está à minha espera, trago uma professora, para os pirralhos. – Respondeu-lhe Mira, sendo condescendente com o mau-humor do homem da torre.

-Espere só um momento.

-Entendido, Torre, mas não demore muito, estamos a ficar sem combustível.

-Entendido.

Mira olhou para Lora e fez-lhe sinal de silêncio, alguns minutos passaram-se, em silêncio total, para então, ouvirem a voz de outro homem, um pouco mais simpática.

-Muito bem, Mt-932, pode aterrar, na pista três. Sejam bem-vindas à Escola.

-Obrigado, Torre!

-Vou ter convosco à pista de aterragem, até já.

-Até já.

Mira tocou em vários botões e falou depois para a irmã:

-Eu chamo-me Isabel Mark, entendeste e não vamos cá estar muito tempo, dois dias no máximo, por isso, não te acostumes.

-Eles não estão a ouvir? – Perguntou-lhe Lora horrorizada

-Não, estou a manter as comunicações, única e, exclusivamente no interior do helicóptero. Agarra-te bem, vamos descer.